

**Universidade Federal de Goiás**  
**Faculdade de Educação**  
**Pesquisa Observatório da Educação**  
**Rede Municipal da Educação de Goiânia**  
**Escola Municipal Abrão Rassi**  
**Professora Bolsista Rita de Cássia Balieiro Rodrigues**

**Resenha:**

CARVALHO, R. V. A juventude na educação de jovens e adultos: uma categoria provisória ou permanente? Artigo apresentado no IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 2009.

O artigo faz parte dos resultados da dissertação de mestrado, “A juvenização da Educação de Jovens e Adultos: estudo das práticas pedagógicas”. Trata-se de uma investigação de cunho qualitativa que teve como loco o Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos – CEEBJA de Campo Comprido – Curitiba, que oferece Ensino Fundamental, Fase II (5ª a 8ª séries) e Ensino Médio. Embora o estudo tenha como objetivo principal a investigação das práticas pedagógicas que tentam atender equitativamente tanto jovens quanto adultos no mesmo espaço, o presente recorte examina apenas o perfil desses estudantes.

A autora inicialmente detecta o processo de juvenização como uma situação permanente na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e atribui esse estado de coisas aos seguintes fatores: as deficiências do ensino regular público, tais como a evasão e repetência que promovem a defasagem entre série/ idade, a possibilidade de avanço e conclusão mais rápida dos estudos, bem como, a necessidade do emprego. Carvalho (2009) ressalta ainda que o ingresso precoce dos jovens ao mercado de trabalho, especialmente os jovens de famílias de baixa renda, tem provocado uma alta procura dos jovens pela EJA. Consequentemente, com a juvenização da EJA, ocorre naturalmente uma nova demanda para formas de atuação metodológica e de conteúdos que abarquem as exigências desse público diferenciado.

A autora cita Rummert (2007) que evidencia em suas colocações que a busca pela mera certificação tem sido forte, em detrimento à vivência plena dos processos pedagógicos para se adquirir a base de conhecimentos científicos e tecnológicos.

Ainda segundo Carvalho (2009), os jovens e adultos têm sido vistos sob o enfoque de carências escolares e trajetórias incompletas, o que mostra o quanto está enraizada a questão da EJA como uma nova oportunidade para obter a escolarização. A autora reforça seu pensamento sobre a Educação como direito, complementando com a visão de Arroyo (2005) sobre o aluno ser reconhecido como sujeito de direitos humanos.

Os jovens e adultos também são vistos sob o estereótipo de aluno-problema que, ao não se ajustar ao ensino regular, é, conseqüentemente, encaminhado a EJA. Assim, esta modalidade de ensino passa a receber todos aqueles que não conseguem fazer seu percurso na escola regular, os quais acabam por se tornar vítimas do caráter pouco público do sistema escolar (CARVALHO, 2009, p. 7805).

Citando Dayrell (2005), a autora salienta que os professores da EJA tendem a ver os alunos através de estereótipos socialmente construídos, correndo o risco de uma análise negativa desses indivíduos. A autora mostra que em seu trabalho a juventude é uma categoria socialmente construída e constituída de grande heterogeneidade, com uma diversidade que envolve posturas, necessidades, ocupações etc.

Carvalho (2009) considera que as regras sociais enquadraram os jovens em duas juventudes, consideradas por Bourdieu, uma que corresponde à idade biológica, a que dá o direito aos estudos e à irresponsabilidade (lazer, tempo, sonhos), e outra, que diz respeito à idade social, esta, que é responsável por colocar os jovens prematuramente na disputa pelo mercado de trabalho, por necessidade que suprir necessidades existenciais básicas, impedindo-os de sonhar.

Segundo os autores citados no artigo, a juventude é uma categoria socialmente construída, devido às circunstâncias econômicas, sociais e políticas, que, portanto, podem ser modificadas, sendo passível de que essa juventude venha ser modificada ao longo dos anos. Por isso mesmo é que a juventude precisa ser vista como um processo, envolvendo a diversidade de contextos sociais, econômicos e políticos.

No estudo de perfil dos jovens do CEEBJA, verificou-se que dos 104 alunos investigados, 25% não trabalham e 75% trabalham, o que segundo a autora evidencia a presença das duas juventudes de Bourdieu, a maioria sendo a presença de jovens que trabalham, ou seja, os excluídos do ensino regular. E, por outro lado, os que têm um prolongamento da juventude por não poderem conseguir sozinhos seus próprios sustentos. Outro fator que revela o prolongamento da juventude é o dado sobre que a maioria permanece em condição de solteiros.

Ainda verifica-se que na concepção dos alunos a conclusão da escolaridade lhes proporcionará melhores condições de emprego e de ascensão social. E que a escola está lhe fazendo um imenso favor em aceita-los de volta, ou seja, não se veem como possuidores dos direito à educação. Além disso, concebem que a escola não os discrimina de qualquer maneira.

Ao expor os dados sobre o perfil dos jovens da instituição investigada, a autora verifica:

- Estado civil – 82% solteiros, 13% casados e 5% outros.
- Grande parte natural do Paraná (sendo 56 de Curitiba, 33 de cidades do interior desse estado) e apenas 14 vindos de outros estados.
- Quanto à continuidade dos estudos: 91 alunos já tinham parado de estudar e apenas 13 nunca pararam.
- Motivos pelos quais pararam de estudos: a maioria por necessitarem trabalhar.
- Quanto à estrutura familiar: 56 alunos indicaram que vem de famílias de composição de 3 a 4 pessoas, 8 alunos com famílias de mais de 6 pessoas, 22 de famílias de 5 a 6 pessoas, 17 alunos de famílias de 2 ou somente 1 pessoa.
- Atuação na economia formal ou informal: a maioria trabalha na formalidade – 58 jovens trabalham com carteira assinada e 26 trabalham sem carteira assinada.
- Faixa salarial – maioria recebe salário mínimo (37%), seguido dos que recebem dois salários mínimos (26%) e depois dos que não trabalham.
- Quanto às profissões que exercem há uma grande diversidade.
- Lazer nos fins de semana: Para os jovens de 15 a 19 anos – atividades físicas (futebol), participação em grupos de jovens (igreja), passeio no parque, assistir programas e filmes de TV. Para os jovens de 20 a 24 anos – similares aos da faixa etária anterior, constatando-se atividades mais voltadas ao grupo familiar. Nos jovens de 25 a 29 anos há uma diferenciação por não realizarem atividades físicas; mas, mantem similaridades quanto às outras atividades.

A autora generaliza as questões do perfil em:

[...] o jovem que frequenta a EJA pertence à cidade (urbano); a maioria trabalha na economia formal; possui baixa renda; deixou de ir à escola por que necessitava trabalhar; convive com a família; são solteiros, e buscam a elevação da escolaridade para que por meio do trabalho consigam melhorar a qualidade de vida. Constata-se a presença da religiosidade, e a presença do jovem que migrou da escola regular para a EJA, sem ter reprovado ou parado

de estudar, cujo motivo saber-se-á na próxima etapa da pesquisa de campo que compreende a entrevista (CARVALHO, 2009, p. 7812).

A autora ressalta que o conhecimento minucioso desses estudantes é de grande importância para o trabalho pedagógico, pois este auxilia que os professores conheçam o nível de conhecimento real, para conduzir o trabalho pedagógico na zona de desenvolvimento proximal. Citando Vigotsky (1998), a autora diz ainda da relevância do professor como elemento mediador entre o aluno e o objeto de conhecimento, sendo que por meio dos recursos e práticas pedagógicas usadas por ele, é que o aluno se apropria do conhecimento pela intervenção direta do professor mediada pela palavra.

Por fim, Carvalho (2009) mostra graficamente que a composição da EJA da instituição investigada, em termos de idade, constitui-se majoritariamente de jovens de 15 a 29 anos de idade, chegando a representar 62% do total de alunos. As considerações preliminares da autora evidenciam que a juventude vem se tornando uma categoria permanente na EJA do CEEBJA, ela sugere que esse tipo de estudo seja ampliado para outras instituições, por serem um banco de dados que pode favorecer a elaboração de políticas públicas, até mesmo no sentido de reverter essa demanda e identificar os problemas que estão levando os jovens ao abandono do ensino regular. Além disso, tais dados favorecem melhor escolha de práticas e recursos pedagógicos no processo de ensino e aprendizagem. A autora termina o artigo com a citação de um trecho das diretrizes curriculares da EJA do Paraná, que reflete sobre algumas questões pertinentes de serem levantadas em tal conjuntura;

- Como reverter a cultura do “aligeiramento” da escolarização ou da pedagogia de reprovação para uma pedagogia da aprendizagem?
  - Que prática pedagógica temos desenvolvido em nossas escolas?
  - Em que medida o tempo/espço de escolarização tem sido adequado?
- (GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, 2006).

Os questionários aplicados nos anos de 2013/2014 nas 10 escolas do município de Goiânia que receberam o Proeja FIC/Pronatec apresentaram dados semelhantes aos levantados nessa pesquisa no CEEBJA do Paraná, que apontam também para a juvenização da EJA. Por isso, são relevantes as considerações feitas por Carvalho (2009), principalmente no início do texto, quando a autora refere-se aos estereótipos que formamos sobre esses jovens, o que acarreta numa visão

preconceituosa e distorcida sobre os estudantes da EJA. Outro argumento importante levantado pela autora é o de como os alunos não se veem como sujeitos de direitos.

Percebemos que alguns fatores têm levado a juventude a abandonar a escolarização regular, e um deles é certamente a necessidade de sobrevivência e de adequação à carga horária do mercado de trabalho. Diante das múltiplas facetas apresentadas as indagações finais tornam-se fundamentais ao professor, mas embora as três reflexões citadas pelas diretrizes curriculares da Secretaria do Estado do Paraná, envolvam elaborações de políticas públicas que possam abarcá-las, uma delas pertence à esfera do cotidiano escolar e é passível de ser transformada no dia-a-dia por meio do trabalho docente – as práticas pedagógicas das quais fazemos uso. Estamos reproduzindo aulas do ensino regular diurno, conteúdos e enfoques voltados a alunos da classe dominante ou estamos buscando metodologias que se adequem aos alunos trabalhadores? Conduzimos nossas aulas para a libertação/emancipação?

Os professores da EJA precisam cada vez mais ser preparados para atuar com aluno trabalhador, com a juventude socialmente construída. Para isso, este profissional precisa ter uma opção a favor dos oprimidos e se fazer esclarecido sobre as maneiras (temas/ recursos e práticas pedagógicas) que aproveitem melhor os conhecimentos da realidade dos alunos, tornando mais útil e significativo o tempo escolar que já lhes foi suprimido.